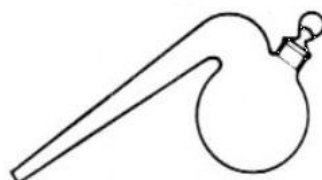


**DOSSIÊ****REDEQUIM**

Revista Debates em Ensino de Química

**TEATRO DE FANTOCHES: EXPERIÊNCIA  
PSICODRAMÁTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DE QUÍMICA****Maisa Helena Altarugio<sup>1</sup>**  
(maisahaufabc@gmail.com)

1. Universidade Federal do ABC (UFABC)

**01****RESUMO**

Este artigo tem o objetivo de apresentar e divulgar o Psicodrama como método de ensino, relatando uma experiência no contexto da formação inicial de professores de Química. O teatro de fantoches foi a estratégia utilizada na dramatização de uma situação de sala de aula para abordar conceitos de saber conceitual e metodológico, saber integrador e saber pedagógico do professor de ciências. Nossas discussões pretendem demonstrar que o Psicodrama é capaz de promover a aquisição do conhecimento a nível intuitivo e intelectual, além de cumprir um papel social equilibrando jogo, teatro e trabalho coletivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro. Psicodrama. Formação de Professores

Maisa Helena Altarugio: Docente do curso de Licenciatura em Química e do Programa de Pós-Graduação Ensino e História das Ciências e da Matemática da Universidade Federal do ABC. Licenciada em Química e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, Psicodramatista pela ABPS. Pesquisa na área de ensino-aprendizagem e formação de professores de ciências, articulando Psicodrama, Ludicidade e Educação.





## PUPPETS THEATER: PSYCHODRAMATIC EXPERIENCE IN CHEMISTRY TEACHER TRAINING

### ABSTRACT

The purpose of this article is to present and disseminate Psychodrama as a teaching method, reporting an experience in the context of the initial training of chemistry teachers. The puppets theater was the strategy used in the dramatization carried out in a classroom situation to approach concepts of conceptual and methodological knowledge, knowledge integrator and pedagogical knowledge related to the science teacher. The discussions aim to demonstrate that psychodrama is capable of promoting the acquisition of knowledge at intuitive and intellectual level, as well as fulfilling a social role balancing play, theater and collective work.

**KEYWORDS:** Theater. Psychodrama. Teacher Training.



## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar e divulgar o Psicodrama como método de ensino, neste caso, relatando uma experiência no contexto da formação de professores, num curso de licenciatura em Química.

Porém, mais do que um método de ensino de conteúdos conceituais e específicos, no âmbito de qualquer disciplina, o Psicodrama cumpre um papel social equilibrando jogo, teatro e trabalho coletivo. Especificamente na formação do educador, possui um mérito próprio, de ampliar a concepção de homem, de seu destino e de seu papel na sociedade, além de auxiliá-lo a tomar consciência de suas tarefas, de suas limitações, por meio do manejo de situações concretas, em um clima de liberdade para imaginar e criar (ROMAÑA, 1985).

O Psicodrama é um conjunto teórico e prático que se utiliza de inúmeras técnicas e instrumentos, embora o núcleo fundamental seja a dramatização. O teatro assumiu essa importância depois que J. L. Moreno, em 1921, descobriu sua potencialidade no tratamento psicoterápico e passou a usá-lo em outros contextos e com outros enfoques para tratar de questões grupais e sociais, recebendo aí a denominação (menos conhecida) de Sociodrama.

O fantoche foi introduzido por Rojas-Bermúdez (1970, 1980) nos tratamentos clínicos psiquiátricos e denominado por ele de *objeto intermediário*, devido a sua própria qualidade de intermediar a passagem do estado de alarme (campo tenso) para o campo relaxado. Em outras palavras, ele permite que o paciente se sinta mais à vontade com seu interlocutor. O *objeto intermediário* pode dar lugar a uma infinidade de materiais como música, papéis, figuras, desenhos, poesias, entre outros, e aplicados sob uma diversidade de técnicas como dançar, pular, desenhar, recortar, colar, imaginar, modelar, favorecendo o envolvimento dos participantes, o aparecimento da comunicação (verbal e não verbal) e a expressão dos sentimentos.

Embora o Psicodrama, evidentemente, também apresente suas limitações, a utilização das técnicas do Psicodrama como método didático, segundo Romaña (1985), não só garante a aquisição do conhecimento a nível intuitivo e intelectual, mas leva à maior participação e interação entre os alunos, melhora a percepção de si e do outro, enquanto propõe uma ruptura da estrutura livresca de ensino e aprendizagem.

A seguir, apresentaremos mais detalhes teóricos sobre a composição psicodramática, ilustrando com o relato de uma vivência realizada junto a um grupo de licenciandos de uma universidade pública paulista, cursantes da disciplina de Práticas de Ensino de Química I, acompanhado de algumas discussões sobre suas potencialidades pedagógicas.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Moreno (2013), criador do Psicodrama, o indivíduo é concebido e estudado através de suas relações interpessoais. Para Moreno, o homem nasce *espontâneo* e *criativo* e deixa de sê-lo devido a fatores socioculturais. Ou seja, a cultura é mantenedora de práticas convergentes que conservam as ações, pensamentos e afetos dos indivíduos, inibindo sua capacidade de adaptar-se adequadamente a novas situações. O Psicodrama se propõe a resgatar a espontaneidade e a criatividade dos indivíduos, libertando-o dos comportamentos estereotipados e das convenções sociais. Por meio da dramatização, é possível modificar as cenas, construir novos significados, criar e experimentar coletivamente soluções novas para situações vividas.

1) Maria Alícia Romaña, pedagoga e psicodramatista, criou o Psicodrama Pedagógico inspirada fortemente nas ideias de Paulo Freire, definindo-o “como uma proposta educacional que se propõe a vincular os saberes que o aprendizado formal oferece ao estudante, com as experiências de vida (culturais e afetivas) que ele carrega” (ROMAÑA, 2004, p.23). O Psicodrama como método para ensinar contribui para que o aluno

coloque para fora o que já sabe por meio da “ação”, rompendo as estruturas mais tradicionais de trabalhar o conhecimento.

2)

3) Quanto ao uso da dramatização como recurso didático no ensino, Romaña (2004) salienta que este não é um privilégio das disciplinas de humanidades, como se poderia pensar. Para ela, todos os conhecimentos podem ser trabalhos dessa maneira. O mesmo ocorre com os níveis de ensino. Achar que a dramatização é algo infantil e que pode ser uma perda de tempo, é um preconceito que pode e precisa ser superado. Nesse sentido, Freire (1996) corrobora dizendo que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

4)

5) O trabalho do Psicodrama, ou uma *sessão psicodramática*, é dividida basicamente em três etapas:

### 1. O aquecimento

O Psicodrama considera que para iniciar qualquer ação precisamos estar adequadamente aquecidos. Assim, nossa atenção pode ser melhor num tema que estamos estudando, numa atividade em que estamos participando. Aquecidos, tornamo-nos espontâneos e criativos, pois nossas forças foram ativadas e nosso potencial pessoal foi acionado. Sendo espontâneos e criativos nós nos tornamos de fato presentes e inteiramente nós mesmos em nosso ser com os demais.

É comum nessa etapa utilizar exercícios e jogos dramáticos com o objetivo de promover os contatos iniciais e as interações entre os participantes, bem como diminuir os estados de tensão e ansiedade, melhorar a concentração no “aqui e agora” dentro do grupo, além do aumento da sensibilidade. Yozo (1996) diz que o conceito que as pessoas têm sobre jogos precisa ser desmistificado, uma vez que o lúdico não elimina a importância da seriedade e da responsabilidade que eles propõem.

### 2. A dramatização

A dramatização é o centro do método psicodramático. Trata-se de um jogo absolutamente espontâneo onde, em princípio, não há texto prévio, que sabemos como começa, mas não sabemos que caminhos tomarão as cenas e como terminará esse “jogo de faz de conta”.

Dias (1994) diz que o Contexto Dramático é a delimitação de um território onde espaço, tempo, fantasia e realidade ganham uma dimensão diferente. É o contexto do “como se” (sinônimo de: como se fosse de verdade) e não do “como é”. O contexto do “como se” abre uma dimensão abrangente onde o mundo interno, com suas emoções, fantasias, atemporalidade e não cronologia, magias e alterações espaciais, pode e deve ser exteriorizado e vivenciado.

Na montagem de uma cena, podemos usar objetos tais como cadeiras, mesas, bancos, etc. ou ainda imaginar a presença de quaisquer objetos. No cenário psicodramático, segundo Dias (1994), podemos imaginar os jardins do Éden ou os infernos, sem depender de nenhum objeto concreto.

A dramatização é um ato de ficção, nesta etapa ampliam-se as possibilidades de consciência, aprendizagem e transformação, se todos os participantes puderem estabelecer pontes (de entendimento) entre a dramatização e a realidade da vida, ou seja, entre o vivenciado e os conhecimentos teóricos e técnicos. A dramatização deve ser aproveitada para se refletir sobre a vida, elaborá-la e tecer uma nova compreensão, promovendo a possibilidade de novos comportamentos e novas atitudes, individualmente ou no grupo.

### **3. O compartilhamento**

Nesta etapa, cada integrante dá a sua opinião sobre o que foi dramatizado e o que repercutiu em si mesmo, seus sentimentos e impressões pessoais sobre o que foi desenvolvido na dramatização. Se possível, o diretor, que é o coordenador da sessão, pode esclarecer os conceitos e os assuntos

motivados pela dramatização, ajudando a estabelecer as relações possíveis, visando à obtenção de uma compreensão aprofundada da temática estudada.

### 3 METODOLOGIA

Participaram desta experiência quatorze alunos da disciplina Práticas de Ensino de Química I, obrigatória para o curso de Licenciatura em Química de uma universidade pública paulista. A atividade transcorreu dentro de uma abordagem teórica e metodológica psicodramática, de acordo com as etapas explicitadas acima, e que será o foco da nossa descrição e discussão. A atividade, ou a sessão psicodramática, teve duração de três horas.

O conteúdo temático desenvolvido com os alunos diz respeito aos conceitos de *saber conceitual e metodológico*, *saber integrador* e *saber pedagógico* do professor de ciências (CARVALHO E GIL-PÉREZ, 2001), conteúdos esses que faziam parte do programa da disciplina.

Embora houvesse a produção de registros escritos dos alunos a cerca das cenas dramatizadas com o uso de fantoches, além das videograções realizadas *in loco*, alertamos porém, que nossa discussão versará sobre as potencialidades da metodologia aplicada.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### O Aquecimento

Esta etapa se iniciou na semana anterior à sessão que será relatada, com a recomendação de uma leitura individual do texto *O saber e o saber fazer do professor* (CARVALHO; GIL-PÉREZ, 2001) que trata dos três tipos de saberes docentes: *conceituais e metodológicos*, *integradores* e *pedagógicos*, necessários aos professores de ciências, segundo os autores.

No início da sessão propriamente dita, foi proposto um “jogo com bolas” para proporcionar o relaxamento do grupo, mobilizar principalmente a atenção, a concentração e a memória dos participantes. Neste jogo os participantes ficam em pé, em círculo, e jogam a bola um para o outro, numa sequência, sem repetição, que deve ser memorizada. Em seguida, fez-se o mesmo exercício com outra bola diferente, mas mudando a sequência das jogadas, que também devia ser memorizada. Depois que o grupo treinou bastante as duas sequências, com uma bola de cada vez, repetiu-se o jogo com as duas bolas simultaneamente na roda. O jogo termina quando o grupo assim o desejar ou pode-se adotar a regra de ir retirando os participantes que errarem a sequência.

No momento seguinte, sob o comando do diretor (no caso, o professor da disciplina), os alunos foram convidados a se sentarem em duplas ou trios, para resgatarem em suas memórias escolares, episódios de sala de aula nos quais os seus professores mobilizaram algum(uns) tipo de saber - *conceitual e metodológico, integrador ou pedagógico* - registrando tudo numa folha de papel.

Enquanto resgatavam suas memórias escolares, os alunos tiveram a oportunidade de tratar os conteúdos de ensino de modo contextualizado, aproveitando as relações entre conteúdos trabalhados em sala e o contexto do aluno para dar significado ao aprendido (BRASIL, 2000).

No contexto do Psicodrama Pedagógico, o jogo de ativar as memórias (psicodrama interno) escolares foi responsável por promover a implicação, a concentração e a integração dos sujeitos num problema (tema) comum. Além disso, Romaña (1985) vai situar este momento como o sendo o primeiro passo de aproximação ao conteúdo, que ela chama de *aproximação intuitiva ou afetiva*. O objetivo é carregar o campo do conhecimento com a maior quantidade de experiências que o grupo possa acessar, garantindo a participação e o interesse em contribuir na atividade. Nesse momento de



registro e de troca verbal, a cena começa a se esboçar como uma imagem “em duas dimensões”.

#### A dramatização

Nesta etapa, o diretor pediu aos grupos que criassem uma cena (um a dois minutos) que representasse uma situação de ensino-aprendizagem envolvendo os saberes que foram discutidos. Os grupos deveriam escrever um breve roteiro para a cena escolhendo os personagens, o tema da situação de ensino e o cenário. Em se tratando de um grupo de licenciandos da área de Química, a situação de ensino-aprendizagem deveria obrigatoriamente contemplar conceitos científicos/químicos. A seguir, cada grupo apresentou a cena criada na forma de *teatro de fantoches*.

Para ilustrar, abaixo apresentamos integralmente um dos roteiros criado por um grupo de alunos que escolheu o tema “Ácidos e Bases” (Quadro 01), envolvendo a interação entre três personagens (os alunos fictícios Pedro e João, e uma professora), além de um narrador. O cenário é a sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental II. Outros temas que surgiram nos grupos foram: composição da matéria, reações químicas, solubilidade e a química no museu de ciências.

**Quadro 01: Roteiro do teatro “Ácidos e Bases”**

Narrador: Dois alunos conversam entre o intervalo da aula. Um dos alunos, João, joga no outro colega, Pedro, um líquido vermelho que mancha seu uniforme.

Pedro: Ei! Por que você sujou minha roupa? Minha mãe vai me matar! Você tem que limpar isso!

João: Relaxa! Você duvida que faço essa mancha sumir em segundos?

Pedro: Mentira, quero só ver!

Narrador: João, então, passa as mãos sobre a camisa de Pedro e assopra, como se estivesse fazendo magia. E em poucos segundos a mancha some.

Pedro: Nossa, que incrível!

Narrador: neste instante a professora entra na sala de aula e Pedro lhe conta a história.

Professora: Hum...isso me parece Sangue do Diabo.

Pedro: Sangue do quê???

Professora: Sangue do Diabo é uma mistura de hidróxido de amônio com fenolftaleína. A fenolftaleína é uma substância que tem sua estrutura modificada em função do meio em que está contida. Quando o meio é ácido, ela é incolor aos nossos olhos. Mas se o meio é básico, enxergamos um tom mais avermelhado.

Pedro: Ah...então o João me jogou uma solução básica?

Professora: Sim, isso mesmo.

Pedro: Mas como ele fez desaparecer tão rápido?

Professora: Ah...é aí que entra o  $\text{NH}_4\text{OH}$ . Ele é uma solução muito instável que se decompõe rapidamente em amônia e água. E a amônia por sua vez é um líquido muito volátil.

Pedro: Volátil?

Professora: Sim! Quer dizer que ela passa rapidamente para o estado gasoso, mesmo a temperatura ambiente. Ou seja, ela não está mais aí na sua roupa. Por isso a mancha sumiu.

Pedro: Ah...entendi. Mas esse João não me escapa!

**Fonte: registro escrito dos licenciandos**

Ao elaborarem as cenas, os alunos puderam imaginar e experimentar “o como se” e “o faz de conta” de uma sala de aula, porém sem se desconectarem da realidade. A apresentação das cenas usando o teatro de

fantoches (Figuras 01 e 02) foi a maneira de dar mais vida e riqueza de detalhes à imagem esboçada na etapa anterior, ou seja, passando a cena para “três dimensões”. Ao mesmo tempo, a dramatização nesta etapa permitiu a *aproximação racional ou conceitual do conteúdo*, onde os alunos fizeram um esforço de sintetizar todo o conhecimento abordado na etapa anterior (ROMAÑA, 1985).

**Figura 01: Cena do teatro de fantoches: “Ácidos e Bases”**



Fonte: registro fotográfico do autor

**Figura 02: Cena do teatro de fantoches: “Solubilidade”**



Fonte: registro fotográfico do autor

Pedagogicamente, em termos do desenvolvimento de competências e habilidades (BRASIL, 2000), por meio uso do teatro de fantoches, foi possível a “reinvenção” e a reconstrução do conhecimento, além de lidar de

forma lúdica com os sentimentos associados às situações de aprendizagem. Tudo isso ainda explorando a linguagem (teatral) como forma de expressão e comunicação capaz agregar significados, conhecimentos e valores.

Nesta atividade os roteiros foram finalizados previamente, mas é possível trabalhar com roteiros com final aberto, onde os demais grupos poderão sugerir outros finais. A dramatização pode ser também um trabalho de colagem, confecção de pequenos vídeos, construção de modelos. O importante é dar aos alunos a oportunidade de mobilizarem a criatividade e a espontaneidade.

### **O compartilhamento**

Nesta última etapa, o diretor solicitou que, individualmente, expressassem suas impressões pessoais durante a atividade. É comum que os alunos tentem elaborar explicações racionais sobre a vivência. Isso porque os alunos não estão habituados a externar seus sentimentos nas aulas, apegando-se muitas vezes à preocupação em discutir sobre “o que deu certo” ou “deu errado”, valorizando os aspectos cognitivos e técnicos envolvidos na atividade – tal fato é observável no ensino da química, onde ainda se encontra o positivismo, tanto na acepção da natureza da ciência quanto na postura dos professores. Nesse momento, importava oportunizar o manejo dos sentimentos associados às situações de aprendizagem para facilitar a relação do aluno com o conhecimento.

Posterior a esse momento, o diretor retomou os objetivos da atividade, ajudando-os a reavaliar e reelaborar a compreensão dos conteúdos trabalhados. Embora não fosse o objetivo, a atividade poderia ser aproveitada também levantar e discutir eventuais erros conceituais de química encontrados nos roteiros encenados.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quase todo tipo de aula, seja ela teórica ou prática, pode ser concebida dentro de uma abordagem psicodramática, isto é, pode ser enquadrada observando-se as etapas do aquecimento, da dramatização e do compartilhamento. Os instrumentos utilizados para realizar cada uma delas podem variar bastante, dependendo dos objetivos que se quer alcançar. O teatro de fantoches foi apenas um exemplo de como se pode trabalhar a dramatização.

O psicodrama pedagógico, calcado em Paulo Freire, e trabalhado sistematicamente, pode auxiliar o aluno a evoluir seu nível de consciência pois, promovendo uma interação dialógica com o conhecimento, com os colegas e com os professores, ele percebe melhor o que pode mudar, remanejar e/ou transformar na realidade a sua volta.

O professor formador, de posse do manejo de algumas técnicas, é o responsável pela problematização que irá gerar reflexão, ação e ampliação do saber, na direção da formação de alunos e futuros professores mais humanos e criativos.

## **REFERÊNCIAS**

- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto / Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). *Bases Legais*. Brasília. 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 11 dez 2017.
- CARVALHO, A.M.P.; PEREZ-GIL, D. O saber e o saber fazer do professor. In: CASTRO, A.D; CARVALHO, A.M.P (orgs). Ensinar a ensinar. Didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- DIAS, V.R.C.S. Análise Psicodramática e teoria da programação cenestésica. São Paulo: Ágora, 1994.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 12ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORENO, J. L. Psicodrama. Tradução de Álvaro Cabral. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

ROJAS-BERMÚDEZ, J.G. Títeres e psicodrama. Buenos Aires: Ediciones Genitor, 1970.

ROJAS-BERMÚDEZ, J.G. Introdução ao psicodrama. 3ª. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1980.

ROMAÑA, M.A. Psicodrama pedagógico: método educacional psicodramático. Campinas: Papirus, 1985

ROMAÑA, M.A. Pedagogia do drama: 8 perguntas & 3 relatos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

YOZO, R.Y.K. 100 jogos para grupos. Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas. 19. ed. São Paulo: Ed. Ágora, 1996.